

# Várias mãos, uma cultura

RETRATOS  
da arte popular  
pernambucana



2

# J. Borges



# Várias mãos, uma cultura

RETRATOS  
da arte popular  
pernambucana

2

J. Borges

# apresentação



Arte popular tem história, tem alma. Por onze anos, eu tive, no Recife, a loja Artesan Brasil. De tudo que havia, as viagens de garimpo era o que eu mais gostava de fazer. Passava horas conversando com os artesãos e artesãs, artistas de suas terras, deixando tarefas importantes pra mais tarde. Eles, em geral, gostavam de mostrar cada detalhe da criação, apaixonados pelo que fazem. Isso traz o especial sentido do seu trabalho.

Quem vive essas experiências se encanta com o assunto, e foi pensando em compartilhar essas descobertas que surgiu a idéia do projeto *Várias mãos uma cultura: retratos da arte popular pernambucana*. Durante todo o processo, aconteceram inúmeras trocas, iniciando por Camila Bandeira. Juntas, começamos a tecer o fio para criar a nossa rede de pessoas e histórias. Elas foram chegando, se encantando com o assunto e nosso grupo se formou naturalmente. Fomos conduzidos pela empatia e pelo mesmo propósito de honrar esses ícones do artesanato e da arte popular brasileira.

Esses livros foram criados em um ambiente de afeto e de respeito. Transbordam emoção pelas experiências que vivenciamos. Fomos acolhidos pelos artesãos e envolvidos pelo seu carinho e amor. Meu agradecimento de coração e alma a rede que foi e continua sendo tecida: Camila Bandeira, Julia Almeida, Bruno Albertim, Isabela Cunha, Roberto Miranda e Luciana Calheiros, e aos artesãos que nos receberam em suas casas, de coração aberto. Foi uma linda caminhada que me emociona com o resultado desse registro.

Marly Queiroz



## J. Borges e a arte de escrever sobre casas



neto de dona Maria Francisca da Conceição não podia ver um pedaço de papel em branco, resto de caderno, embrulho de pão amassado ou parede sem uso. Vivia de canto em canto, procurando coisas do tipo. O pequeno José Francisco Borges sonhava em achar uma casa abandonada. Qualquer ruína, para ele, era festa.

A cerca de cem quilômetros de onde o pequeno Borges morava, se havia uma cidade pacata o bastante para assegurar a saúde das coronárias no Brasil, esta não era o Recife de 1935 – ano em que o menino olhou o mundo, pela primeira vez, numa pequena construção de reboco num lugarejo de nome engraçado, usado para batizar tanto uma antiga comunidade indígena, como uma madeira na época comum, o Sítio Piroca.

Chegar à capital federal a partir do Recife exigia, para uma pequena elite abastada, uma vagarosa viagem num dos navios da Lloyd Brasileiro, empresa fundada ainda em 1894 e já um patrimônio do Brasil na puberdade da sua industrialização. As cidades estavam no início do que hoje a gente chama de

urbanização, patrões e empregados ainda tateavam as relações por meio do trabalho assalariado, a escravidão era ainda muito fresca na memória e no comportamento nacionais sobre privilégios e punições. Novas rotas nacionais de navegação marítima e ferrovias passavam a ocupar o lugar dos antigos caminhos dos tropeiros. As distâncias entre as cidades, contudo, não deixava de fazer a agitação do Rio de Janeiro ganhar ecos na capital de Pernambuco.

Em março daquele ano, surgia, no então Distrito Federal, a Aliança Nacional Libertadora, articulação entre intelectuais, lideranças católicas, tenentes progressistas, comunistas, socialistas e quem mais se opusesse à Ação Integralista Brasileira, movimento nacional de assumida inspiração fascista. A ANL também aglutinava quaisquer outros opositores ao governo de Getúlio Vargas, cada vez mais simpático aos governos nazistas europeus.

Confirmando a vocação de querer lambar com manteiga as botas de Hitler e Mussolini, Vargas entregaria em 1936 Olga Benário Prestes grávida para um

campo de concentração na Alemanha. Depois de parir a menina Anita Leocádia Benário Prestes, a judia teve a filha arrancada dos braços para ser enviada à família no Brasil quando foi devidamente asfixiada numa câmara de gás de tecnologia germânica. O pai da menina era justamente o líder do levante do ano anterior contra a presidência varguista, o comunista Luís Carlos Prestes.

Depois de um governo provisório ser decretado como gesto de rebeldia a Vargas no final daquele agitado ano em Natal, capital do Rio Grande do Norte, os rebeldes mostraram corpo no Distrito Federal e no Recife. Rapidamente sufocados, dezenas de opositores mortos, os motins serviriam de pretexto para Getúlio Vargas decretar estado de sítio sob a alegação de uma ameaça geral comunista na nação e, dois anos depois, instituir o Estado Novo. A cena política da capital pernambucana estava, portanto, diretamente relacionada ao surgimento da primeira ditadura na República do Brasil – cuja monarquia havia sido abolida cerca de 50 anos antes.

Essas notícias não abalavam a vida no Piroca. Se muito, levantavam algumas pestanas da minúscula elite política de Bezerros, cidadezinha do Agreste de Pernambuco, colada à Caruaru e sua famosa feira, a cerca de cem quilômetros do Recife. Naquele tempo, uma distância de fazer tremer o fígado. “Ninguém sabia de nada disso por lá”, lembraria Borges.

Instalados na zona rural do município, os piroquenses, por sua vez, precisavam atravessar, no lombo de um cavalo, ou na tábua dura de uma carroça, outros quinze quase intransponíveis quilômetros se precisassem de algum serviço urbano, como um médico ou um cartório, no centro de Bezerros, onde, talvez, fosse possível se adquirir um raríssimo exemplar de jornal impresso.

Na casinha de reboco do Sítio Piroca, José Francisco Borges rasgou o ventre da mãe num 20 de dezembro. Presente de véspera do Natal daquele ano de 1935, veio como o mais velho dos dezesseis rebentos de Dona Maria Francisca da Conceição, casada com o austero,



bem-humorado e muito disposto agricultor Joaquim Francisco Borges. Apenas dez daqueles partos seriam transformados em vidas adultas.

As notícias do mundo externo chegavam de forma muito peculiar ao sítio. Jornal e cinema, nem pensar. Eletricidade, se muito, só no centro da cidade de Bezerros. Festas, quando havia, eram animadas com samba de toada nos terreiros de barro iluminados com luz de candeeiro, depois de boas caminhadas até se chegar à porta do anfitrião. Os festejos de São João eram esperados

para a comemoração das colheitas de milho com buchadas e camaril. Missas, batizados, aniversários, dias santos reuniam o povo do lugar.

Quando um casamento tinha importância, acontecia no centro da cidade. Os convidados, então, cuidavam de não abarrotar a roupa sobre o cavalo na estrada – e as senhoras, de não rasgar o vestido enganchado em algum arbusto ou cacto do caminho pedregoso. O amor, de alguma forma, era livre: casava-se com quem se queria. Se o pai não permitisse a união, o rapaz



Fotografia atual de J. Borges. Ele é tem pele clara e cabelos brancos. Está sentado e olha em nossa direção sorridente enquanto, com as mãos sobre a mesa, segura uma caneta. Usa chapéu vermelho, estilo panamá, camisa de botão com listras brancas e verde claro, e um relógio dourado. Ao fundo, a parede está coberta com fileiras de matrizes coloridas de suas xilogravuras em tamanhos e formatos variados.

simplesmente raptava a moça à noite, normalmente sob a cumplicidade dos parentes homens do mancebo, capazes, ainda, de agraciar o sequestro com uma cantoria romântica. Consumada bibliicamente a relação, o casamento não poderia ser desfeito – ou a moça estaria fadada à condenação pela eternidade dos mandacarus por não estar casada com quem lhe roubara a pureza. Era um tempo, lembra Borges, em que “reza-deira era o médico, remédio era chá de planta, e telefone era um grito”.

O pequeno José Francisco Borges não conheceu os avôs – nem o materno, nem o paterno. Em compensação, teve duplicadas as grandes referências femininas da vida. Sua mãe e a mãe de sua mãe – sua avó, portanto – compartilhavam o mesmo nome. Ambas, Marias. Maria Francisca da Conceição, a mãe; Maria Francisca da Conceição, a filha. As duas, cada uma à sua maneira, mães do mesmo menino.

As Marias cuidavam do que cabia às mulheres. Organizar a lida familiar no pastoreio dos bichos, hidratar a horta,

plantar e colher legumes para alimentação na casa. Assear os meninos, limpar a casa, cozinhar a ração diária. Gastar a sola pouca do sapato para levar as crianças à feira, a um médico de vez em quando, conhecer ou visitar parente ou firmar presença em batizado distante.

Só quando completou doze anos de idade, apareceu escola para o inquieto José Francisco Borges estudar. Até aquela idade, o menino não sabia ainda ler palavra ou realizar um de seus maiores desejos: escrever o próprio nome.

Quando a escola abriu, afobado pelo filho mais velho, seu Joaquim foi logo apresentar o primogênito.

“Cabe mais um burro nessa escola, professor?”, perguntou o pai. “Cabe sim, seu Joaquim”.

O pai olhou fundo no olho do filho, ensaiou um sorriso que não chegou a mostrar, e assentiu:

“Olhe, seu pedaço de corno, amanhã você vai para escola! Mas se fizer coisa errada, eu mato você!”

Com oito anos de idade, Borges tinha pouca afeição a lápis e caneta. Suas mãos tinham mais intimidades com outros instrumentos, os dedos já calejados pela enxada na ajuda ao pai na roça. Algodão, milho, feijão e xaxados com o instrumento para a comida das muitas bocas de casa. O excedente da dieta familiar era vendido na feira de Bezerros.

*“Não tinha nada fácil naquele tempo. A gente, garoto, não via dinheiro nenhum”,*

Borges lembraria. Já nas primeiras horas da manhã, dona Maria servia o almoço, forte o bastante para compensar o esforço dos homens da casa na roça. Antes das nove, uma buchada de carneiro ou fatos de boi, as vísceras do animal guisadas, eram oferecidas com cuscuz de milho ou uma raiz forte como macaxeira ou inhame.

De tarde, o menino brincava de carrinho de rolimã ou cavalo de pau. Para distrair a boca antes da janta, ia chupando fruta de palma, frutinha de mandacaru, jenipapo ou macaíba. Pra ver um trocado, vendia caroço de

mamona. Ou se valer da cabra dada a ele pela avó Maria. O bicho o vestia. “Ela me dava leite e filhotes. Todo final de ano, eu vendia dois bodes das crias dela e com o dinheiro, eu comprava roupa e sapato”.

Contente com a ideia da escola, Borges firmou ao pai o compromisso de bom comportamento e, no mesmo dia da matrícula, pegou um resto de poupança dos rendimentos gerados pela cabra e correu para a bodega mais próxima. Comprou um lápis, um caderno e uma cartilha do ABC. Era uma sexta-feira. “Eu lembro que nem dormi, só pensando em como seria a escola.” Na segunda, foi o primeiro a chegar. Todos os dias, seria o primeiro a chegar para a aula. “Ali, eu aprendi a fazer conta, a escrever meu nome, a ler uma leitura pouca, mas é a que me serviu pela vida toda.” Animado com o aprendizado, o pequeno Borges seguia com um lápis no bolso aonde fosse. “Eu era interessado em ter uma ortografia melhor, uma caligrafia bonita. Andava com o lápis no bolso da camisa ou da calça para melhorar a minha caligrafia.”



Um dia, ganhou de presente do acaso o encontro com uma casa em ruínas, uma antiga residência abandonada numa capoeira.

*“Quando eu achava uma casa abandonada, era a maior festa.”*

Sacou o lápis do bolso, controlou a afobação e riscou as paredes. Pouco a pouco, os espaços de cal branco encardido foram ganhando nomes de gente, nomes de lugares, nomes de animais, contas elementares de matemática. Sua caligrafia, queria ele mostrar ao professor, só melhorava.

O negócio de chegar cedo na escola, contudo, não durou muito. O pequeno J.Borges só pôde ser o primeiro a chegar para as aulas por dez meses. Convidado para um emprego na capital, o professor largou os alunos do Sítio Piroca. “Pelo menos, aprendi a fazer conta. Aprendi a ler. Era uma leitura de ‘cai-cai, tanajura’. E saí logo da escola. Mas, também, o homem morre e não aprende tudo o que quer e precisa.” Pouco depois de riscar a casinha em ruínas, o menino nunca mais voltaria a uma escola. Não, para ter aulas. Voltaria a uma, apenas adulto, para ensinar ou falar sobre o que sabe.







**Fotografia colorida, em detalhe, de um pedaço de madeira desenhada a lápis preto. No rodapé, escrito de forma espelhada: “Noite de Pescaria”. O desenho está parcialmente desfocado. No canto inferior direito da madeira, vê-se um homem de chapéu, segurando uma garrafa, sentado à margem de um rio, que reflete o céu estrelado e uma meia lua.**

Na segunda metade do século 21, conhecido apenas como J. Borges, o filho mais velho de dona Maria Francisca da Conceição, nascido naquele distante ano de 1935, tem obras com sua assinatura no acervo da Biblioteca Nacional de Washington e no Museu de Arte Popular do Novo México, cidade norte-americana de Santa Fé. Entre outros méritos para ostentar numa cronologia, foi destaque na edição especial da revista especializada suíça Xilon, publicada no ano de 1980 com atenção à xilogravura do Nordeste do Brasil. Participou da ilustração do calendário da Organização das Nações Unidas em 2002. Tem motivado importantes exposições e argumentos em instituições do Brasil e de fora dele. Montou um centro para produzir, explicar e comercializar sua obra, inscrevendo a cidade de Bezerros no mapa de interesse turístico e artístico de Pernambuco e, não menos importante, foi convocado para ilustrar livros de referências da literatura ocidental. Escritores como o uruguaio Eduardo Galeano e o português José Saramago,

aclamado com um Nobel ainda em vida, viram nas composições de J. Borges as melhores expressões visuais para reforçar alguns de seus argumentos literários. Até o fim da vida, Ariano Suassuna dizia a quem quisesse ouvir: José Francisco Borges – ou, simplesmente, J. Borges – é o maior xilogravurista do Brasil. Não é mesmo pouco para um menino, nascido num país de cultura meritocrática em favor de quem pode se formar no topo das pirâmides, que aprendeu a escrever riscando paredes.

A formação de Borges começou ali mesmo, no Sítio Piroca de sua infância. “O povo ri hoje quando a gente diz, mas piroca era o nome de uma tribo indígena e de uma madeira que tinha ali. Acabou-se os índios e acabou-se a madeira, mas ficou o nome e a piada.”

No sítio de mais cabras e bodes que vizinhos, as poucas notícias e novidades chegavam na boca da noite, quando a vizinhança se reunia na porta de casa, munida de curiosidade e alguns goles de cachaça.

Seu Joaquim Borges não se dava sequer ao trabalho de ir ao cartório de Bezerras registrar os filhos. Os meninos e meninas que fossem solicitar os documentos para comprovar oficialmente as próprias existências civis. Por falta de vontade ou preguiça de procurar nome diferente, dois dos filhos resolveram se nomear com a designação do irmão mais velho. Assim, José Francisco Borges teve dois irmãos de nome também Francisco. Além deles, uma Maria, um Amaro, uma Josefa, uma Erotildes, dois Lourenços, uma Rosa, uma Severina e outros dois que resolveram se identificar com o nome de Antônio. A mãe teve ainda, que ele se lembre, dois abortos. O próprio Borges foi responsável por um deles. “Fiz um medo à mãe.”

Sob a desculpa de surpreender a mãe com uma mariola, doce popular por ali, J. Borges se escondeu atrás de uma árvore. Dona Maria recolhia tufos de algodão dos pés e do chão. “Era uma árvore bem grande, ela não me viu. Dei uma carreira grande e gritei bem alto o nome dela”, ele lembra, com mais de oitenta anos de idade.

Dona Maria voltou pra casa trôpega. Na iminência do desmaio, sentou-se na primeira cadeira que apareceu na sua vista turva. Quando se levantou, tinha já sofrido o aborto. “Acho que mãe já tinha uns cinco meses de gravidez. Juntando tudinho, mãe foi mãe de dezesseis filhos.”

A mãe de J. Borges estava acostumada a grandes caminhadas pela vida. Com nove anos de idade, dona Maria tinha acompanhado sua mãe numa peregrinação de cansaço, fome e sede por dois meses a pé na companhia dos dois irmãos mais velhos. Nascida no final do século 19, cinco anos apenas depois de a escravidão ser oficialmente abolida no Brasil, dona Maria, a avó de Borges, mãe de Maria, ficara viúva pouco antes de completar 30 anos de idade. Como sofria de uns espasmos, juntou a prole, encolheu a viuvez e partiu para a terra santa de Juazeiro do Norte. No Ceará, esperava que o Padre Cícero Romão Batista, sacerdote de fama nacional, lhe curasse da ainda pouco conhecida epilepsia. Ficou por lá uns dias, e aceitou o conselho de um pároco para que não



Desde muito cedo, um atento cronista visual da realidade ao redor em seu agreste natal.

ficasse levando uma vida nova e errante em Juazeiro. Voltou para a terra natal com a fé e a prole. Não quis mais saber de casamento. Ficou por conta de cuidar da vida dos filhos.

Quando Borges nasceu, a avó se afeiçoou de imediato. Quis pegar o neto para criar. A mãe, zelosa do primeiro filho, disse que não. Mas, de quando em vez, dona Maria ia lá buscar o menino. Dizia que era emprestado para passar apenas alguns dias no colo da avó.

Bastou Maria, a filha, ter o segundo dos dezesseis partos, para, Maria, a mãe,

aparecer. Daquela vez, de ouvidos moucos contra qualquer negativa. Com o decreto na ponta da língua, informou à filha que se concentrasse nos cuidados com a menina recém-nascida. A avó, a partir daquele dia, cuidaria do neto. J. Borges viveu na casa de dona Maria até os 19 anos, quando a avó faleceu.

O menino, contudo, era presença constante na residência dos pais. Ía principalmente na boquinha das noites em que seu Joaquim reunia gente na porteira. Depois do trabalho, janta na barriga e banho tomado, o agricultor juntava o



Formas populares de informação, os cordéis substituíam, nos interiores, o jornalismo na abordagem de vários temas.

povo para ouvir as crônicas do mundo próximo e das terras distantes na forma dos versos da literatura de cordel, uma expressão popular remota. Na zona rural de Bezerros, essas narrativas contavam com adeptos entusiastas. Era assim que, quando muito, notícias como a agitação política do Recife contra o governo de Vargas chegavam. Ou outras histórias mais comoventes.

No mundo ibérico do século 12, trovadores cantavam histórias de vila em vila para a população iletrada ir se informando para além das aldeias. A prensa

mecânica da Renascença deu à palavra, antes cantada, a materialidade no papel impresso. Essa literatura em versos popularizou narrativas locais, do mundo dos homens e das crenças, apresentada em cordas – os cordéis espalhados pelas praças e responsáveis por batizar esse tipo de narrativa.

No começo do século 18, os portugueses, colonizando com gula esta outra margem do Atlântico, popularizam os cordéis pelo Nordeste do Brasil. Parte da paisagem da vida social, repentistas e violeiros cantavam histórias em rimas

pelas praças e ruas. Em seguida, vendiam seus folhetos. Nas prensas tipográficas, palavras eram esculpidas, letra por letra, até virarem versos com rima e sentidos impressos nos folhetos de cordel.

Na época em que seu Joaquim promovia o cordel em saraus na porta de casa, nomes como o de Leandro Gomes de Barros já eram relativamente bem conhecidos. Português nascido na cidade de Pombal em 19 de novembro de 1865 e morto de gripe espanhola no Recife de 1918, o poeta seria considerado o primeiro “brasileiro” a escrever cordéis. Seu nome ficaria de fato popular quando Ariano Suassuna fez citações a Leandro, incorporando dois de seus poemas satíricos mais conhecidos, em *O Auto da Compadecida*: “O testamento do cachorro” e “O cavalo que defecava dinheiro”.

Com a fundação de uma pequena gráfica no começo do século 20, os folhetos de Leandro Gomes de Barros eram rodados em tiragem de milhares de exemplares. Nomes como o dele

iam fazendo do cordel parte essencial da paisagem cultural do Nordeste.

Além de diversão e informação, o cordel era também formação no Agreste.

“O cordel era um tipo de literatura que ensinou muita gente a ler. Não tinha escola, então, a gente olhava, juntava letra por letra, forçava a barra e aprendia a ler”,

Borges lembra, sobre aquele tipo de jornalismo popular e autônomo da época. “Era também o jornal da gente, o jornal que a gente mesmo fazia.”

Jornalismo, do ponto de vista formal, chegava apenas para uma diminuta elite letrada na cidade. “Nos sítios e mesmo na cidade, ninguém lia jornal. Era aprendizado, informação e diversão. O povo se juntava na frente de casa para ver um jornal difícil que aparecesse, para rir, saber da vida, enquanto se tomava uma cachaça ou uma cerveja. Hoje, os colégios ainda mandam



PASSARADA

J. BORGES

GRAVATA J. BORGES

J. BORGES

MANDACARU J. BORGES



PASSARADA



**Fotografia em preto e branco, amarelada pelo tempo, com algumas manchas brancas pequenas à direita. Um homem de meia idade está em uma sala, em pé, diante de uma máquina de imprimir cordéis, um pouco mais baixa que ele. Ele está de perfil, para a direita, com um braço estendido para a frente, mexendo na máquina. Ele tem cabelos escuros ondulados, penteados para trás, nariz comprido, e boca com lábios finos. Usa camisa xadrez.**

estudar os cordéis para complementar os livros e tem gente adulta que ainda lê o cordel como diversão”.

Mais que o já icônico Leandro, grande sucesso mesmo fazia, tanto na porta de seu Joaquim Borges da Silva, como em toda a região, o caruaruense J. Soares da Silva. Com uma velocidade impressionante para transformar em versos de cordel os fatos mais recentes, J. Soares virou uma espécie de veículo extraoficial de informação da gente simples do Nordeste. “Ele era conhecido como o poeta-repórter, porque dava conta de tudo”. Quando chegava, então, folheto assinado por J. Soares, era certeza de vizinhança toda reunida no pé da noite.

Na época, também fazia grande sucesso no País o caruaruense Luiz Jacinto Silva. Comediante muitíssimo popular na pele do Coroné Ludujero, sujeito impaciente, nervoso e brincalhão, Jacinto organizava caravanas enormes, fazendo o artista ir aonde o povo de fato estava. Foi ele quem apelidou de Marrom uma jovem maranhense em seu elenco chamada Alcione – batizando, sem

saber, a cantora para o resto do País e da própria carreira.

Numa viagem para uma temporada em Belém, o avião em que viajava o comediante caiu na baía de Guajará-Mirim. No dia 14 de março de 1970, Luiz Jacinto morria aos 41 anos com toda sua equipe – havia 36 pessoas a bordo. O corpo do comediante só foi encontrado quinze dias depois, a comoção foi nacional e a velocidade de J. Soares em retratar o fato em rimas, seu passaporte definitivo para a popularidade.

Com sua gráfica em Caruaru trabalhando dia sim, noite também, J. Soares conseguiu rodar quase 500 mil exemplares e fez da morte de Ludujero uma comoção entre os vizinhos de seu Joaquim da proporção de uma Copa de 70 e menor que o golpe de Vargas.

Além de agricultor, o pai de Borges era almocreve, tipo de profissional que, desde a Idade Média, em Portugal, se encarregava do frete dos produtos sobre animais de carga entre as cidades. Mais velho dos filhos, J. Borges era presença constante nas jornadas.

O menino conciliava a lida na roça com bicos de oleiro, marceneiro, pintor das paredes que gostava de riscar, tirador de jogo do bicho e mascate aprendiz onde, sobre o lombo dos cavalos, além das sacas de feijão, farinha e panelas, levava outro gênero de primeira necessidade: folhetos de cordel para a venda de feira em feira. Entre as décadas de 1940 e 1950, o cordel chegou a ter uma audiência estimada em cerca de trinta milhões de pessoas. Ou seja, quase um terço da população brasileira lia folhetos com regularidade. Borges, um vendedor de cordel já consolidado, ganhou um dinheirinho bom danado vendendo o folheto de J. Soares sobre a morte de Ludujero. “Ele era o poeta-repórter, todo mundo queria as histórias dele, porque falava de tudo que acontecia”, ele lembra. “A gente ia pra uma feira diferente todo dia. Ia pra cidade longe, como Águas Belas. Só descansava uma vez por semana. Cordel era uma coisa que vendia rápido. Só parou de ter importância no começo do século 21, porque não tem mais banca de jornal, não tem mais banca de feira.”

A compra de um pequeno lote de cordéis alheios para venda nos mercados teria acontecido em 1956. Mas em 1964, perto de completar 20 anos de idade, Borges animava-se a escrever, ele próprio, seu primeiro cordel.

Numa das andanças, conheceu o caruaruense Mestre Dila, referência da xilogravura que morreria, aos 82 anos, em 2019, com o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco, bolsa vitalícia concedida pelo Estado a artistas de relevância para a identidade da cultura.

J. Borges ficara especialmente impressionado com uma gravura sobre dois vaqueiros em duelo pelo amor de uma donzela. Animou-se a desenvolver em versos a trama sugerida pela gravura. “Era a história de dois vaqueiros que se encontravam numa vaquejada no Sertão de Petrolina, sendo um do Norte e outro, do Sul. Aí, nessa vaquejada, o prêmio de quem vencesse era desposar a filha do fazendeiro”.

De sucesso imediato, o cordel publicado pelo folheteiro Antônio Ferreira da Silva vende cerca de cinco mil



Com o sucesso dos primeiros cordéis, J. Borges adquire uma máquina tipográfica, mantida como relíquia em seu ateliê de Bezerros.

exemplares e faz de J. Borges, designação que José Francisco Borges passa a assinar nas capas, o mais novo nome da literatura de cordel de Pernambuco. “Botei essa história para vender e o povo gostou.”

“Comecei com 20 anos de idade, os assuntos que botava eram relacionados à vida do povo. Se o assunto não toca no coração de ninguém é porque não interessava pra cordel. Os assuntos eram mistério, luta e amor, reino encantado, brigas de cangaceiros. Depois, vinham os acontecimentos, como é hoje. Era a

diversão que se tinha. Quando se batia palmas, era porque a história era boa”.

Na capa do primeiro folheto, J. Borges usou, por razões óbvias como o ar, a gravura de Mestre Dila. Na segunda publicação, não encontrou um clichê disponível. Por economia e praticidade, resolveu ele mesmo desenhar em relevo sobre madeira a ilustração para a capa de sua segunda história, uma narrativa meio apocalíptica chamada *O Verdadeiro Aviso de Frei Damião Sobre os Castigos que vem*. De linhas elementares, uma composição simples, inspirada na fachada da igreja matriz de Bezerros. Nascia ali, o J. Borges gravurista.

Borges se forma de maneira autodidata. Apenas pela observação da cultura ao redor. “Os filhos sempre aprendem com os pais, mas não tinha ninguém assim na minha família. Um amigo meu, jornalista, disse que eu virei poeta e artista para me livrar da palha da cana”, ele ri.

Dos 24 filhos de Borges, 18 biológicos, seis adotivos, cinco assumiram o ofício do pai: José Miguel, Pablo, Bacaro e Ivan, além de Manacés, morto

precocemente, aos 39 anos, de um mal súbito, depois de ter trabalhado normalmente até tarde da noite anterior ao dia 15 de dezembro de 2017. “Morreu com a camisa do Náutico, e as mãos ainda sujas de tintas de trabalhar. Uma tristeza muito grande”, o mestre comenta.

“Eu vejo a continuação do meu trabalho não só neles, mas em vários outros que eu ensinei. Tem artista que diz: eu não ensino para não criar uma concorrência. Mas como é que pode? Se alguém quer dominar sozinho o mundo, vai endoidar. Até porque, hoje, o mundo tá muito pequeno, antes, de qualquer lugar pra qualquer lugar, a gente gastava quatro meses de navio”.

A técnica dos filhos é a mesma, os estilos são diferentes. Os de Pablo Ivan e J. Miguel, por exemplo, são mais próximos do pai. O de Bacaro, de traços e volumetria mais sinuosa, límpida, contemporânea, incorporando temas que vão do pop ao imaginário tradicional nordestino. “Ele faz uma Maria Bonita mais requintada, e vende tudo rápido. Bacaro, eu tenho certeza, vai cair no gosto do povo como eu”, diz, sobre o filho cujo nome homenageia o antigo amigo e mecenas Giuseppe Baccaro.

Depois dos anos 1970, a procura pelas xilogravuras põe em segundo plano

o cordelista J. Borges. Que, aliás, não perdeu musculatura. Com a procura por seus folhetos aumentando, Borges comprava, no começo da década, máquinas tipográficas e passava a imprimir, letra por letra, como palavra esculpida, seus versos de cordel. Métrica e rima, como melodia escrita em disciplina:

“Tem gente metido a escrever cordel hoje em dia, mas não respeita as regras. Antes, tinha que respeitar métrica, rima, e entender do assunto. Ter um assunto agradável, bom. Hoje, começa com política, vai pra religião e quando acaba o cordel, a gente não sabe nem o que leu. Muitos estudantes inventam de escrever, mas não entendem nada. O título, às vezes, é desagradável. Faz uma escrita misturada e bota um título que não tem nada a ver”.

Sem preocupação rigorosa com perspectiva ou proporção, ao contrário do amigo Gilvan Samico (1928-2013), que não ficava menos de um ano em estudos de simetria, ritmo e volume até liberar uma matriz para impressão, J. Borges aplica suas figuras sobre decalques rápidos de imagens de referência, ou apenas usando a memória, sobre a madeira. O fundo da matriz é talhado em profundidade para que as figuras, cobertas em tinta, possam ser impressas, manualmente, sobre o



papel. Sem preocupação com a tiragem, desrespeita as regras do mercado de arte focadas no princípio da demanda e da oferta como equação de preços. Vende e reproduz matrizes. Sua arte, afinal, é popular.

Cronista do seu e de vários tempos, Borges narra temas do cotidiano como festas religiosas e profanas, cenas da rotina, personagens icônicos como o Padre Cícero, Lampião e Cangaceiros, frutas, árvores, animais e outros elementos fundantes do imaginário nordestino do século 20. Lendas mais

remotas e muito respeitadas em seus tempos de menino, como a mula-sem-cabeça ou a cumadre fulorzinha, são tão constantes como personagens que firmaram presença no imaginário por meio da própria literatura de cordel. Um deles, *Pavão misterioso*, publicada em 1923 e tido como o mais popular de todos os cordéis até os dias correntes.

Em sua verve, Borges também destila uma suave ironia com os padrões morais de seu tempo. Alfinetando o patriarcado vigente, um de seus cordéis e respectiva gravura mais populares chama-se *A Chegada da Prostituta no Céu*. A trama traz a vitória de uma prostituta sobre uma suposta mulher de bem para entrar no território de São Pedro. Satírico, um dos versos diz: “Depois disso, a prostituta / foi fazendo o que bem quis / botou galha em São Pedro / namorou com São Luiz / tirou sarro com São Bento / no beco do chafariz”.

As composições, gosta de sublinhar, surgem sempre a partir do título da obra. Embora, lembre com galhardia, só tenha descoberto o nome do que fazia vinte anos depois de seu primeiro







Fotografia de três rapazes sentados ao redor de uma grande mesa no ateliê. Cada um pinta a matriz de uma xilogravura. Usam pinceis finos. A mesa está repleta de copos de plástico com tintas de várias cores. Alguns copos têm um pincel encostado na borda. Atrás dos jovens, bancadas com latas de tinta, mais pinceis, uma pilha de matrizes, entre outras coisas.

cordel. “Veio uma menina do Rio de Janeiro aqui e disse que o que que fazia era xilogravura”, gargalha. Borges, aliás, foi um dos pioneiros no emprego da cor nas xilogravuras. “A decisão de botar cor nem foi minha. Veio uma cliente e disse que se eu botasse cor, ia ficar mais bonito”. A inovação causou estranhamento até em casa. Os filhos, quando viram Borges enchendo de azuis, amarelos e vermelhos berrantes as gravuras antes impressas de preto sobre o branco, se uniram na avaliação: “Pai endoidou!”.

Hoje, mais de 90% das gravuras são coloridas. “Dei uma gravura pra cada filho colorir da cor que quisesse. Eles gostaram e hoje também fazem coloridas”. Além dos seus filhos, cumprem expediente no Memorial J.Borges mais outros vinte jovens que trabalham diariamente na lida da xilogravura no misto de oficina, ateliê, centro de formação e negociação, funcionando desde 2006, ao lado da casa do artista, às margens da BR-232, em Bezerros.

Se Borges demorou vinte anos para ouvir de alguém o nome do que fazia, quem sabia bem definir como

xilogravura de grande monta era o uruguaio Eduardo Galeano.

Depois de apresentado pelo historiador e folclorista Liêdo Maranhão e pelo artista Ivan Marchetti a Ariano Suassuna, Borges ganhou do autor do *Romance da Pedra do Reino* o título de maior xilogravurista do Brasil. Retribuiu com uma amizade até o fim da vida, o batismo de um de seus 18 filhos com o nome de Ariano e um cordel narrando a chegada do amigo ao céu quando de sua morte, em julho de 2014. Nos anos 70, a chancela do professor abria as portas de galerias do Recife e do Rio de Janeiro para suas gravuras antes vendidas apenas nas feiras livres.

“Quando ele disse que eu era o melhor do Nordeste e o melhor do Brasil, isso me ajudou muito. Eu disse que ele tinha feito, então, 95% do meu trabalho, o povo acreditou nisso e isso me ajudou muito”.

Eduardo Hughes Galeano andava muito pelo Rio. Recebeu, de um amigo, um envelope grande de papel madeira. Dentro, estava uma gravura de J. Borges como presente. “Quem é esse cara?”, perguntou.

Mais de vinte anos depois, ele chegava às portas de Borges, em Bezerros. Galeano queria saber do artista a possibilidade de ilustrar um novo livro seu.

Antes de conhecer o escritor, Borges recebeu em casa uma caixa com cinco livros de Galeano. “O que é isso? Se for pra comprar, eu não quero!”, ele reagiu. Olhou no fundo e viu uma nota fiscal de cortesia. “Aceito o presente. Mas quem é esse sujeito?”

J. Borges nunca tinha ouvido falar em Eduardo Galeano, o autor do clássico. As veias abertas da América Latina, blend de jornalismo, história e ficção que, no começo dos anos 1970, fez dele uma espécie de herói literário mundial contra o imperialismo cultural norte-americano. Oito dias depois de receber aquela caixa, recebeu um telegrama informando que o próprio Galeano estaria à sua porta em mais oito dias.

O uruguaio encomendava uma série de gravuras no formato de 20 por 20 centímetros. Com temas muito ligados ao Nordeste do Brasil: cangaço, farinha, açúcar e pecuária. Deu cem dólares como sinal pelo trabalho e mais 70 dinheiros gringos por gravura. “Comecei a ler o texto em espanhol, cada texto tinha que ter cinco gravuras”, lembraria Borges.

Como combinado, foi levar o conjunto de gravuras para Galeano nos Quatro Cantos, um cruzamento conhecido de ruas no bairro recifense das Graças. Voltou pra casa, todo curvado. Os braços quase abraçados às pernas. “Tais com frio, homem”, lhe perguntou a mulher. “Nada, tô é morrendo de calor.”

Borges tinha feito a viagem de ônibus do Recife até Bezerros agarrado aos bolsos do dinheiro vivo, nunca antes visto, lhe dado como agradecimento por Galeano pela ilustração com suas gravuras de *Palavras Andantes*, livro, segundo o autor, lançado em 1993, para contar “histórias de espantos e encantos que quero escrever, as vezes que recolhi pelos caminhos, e os meus sonhos de andar acordado, realidades

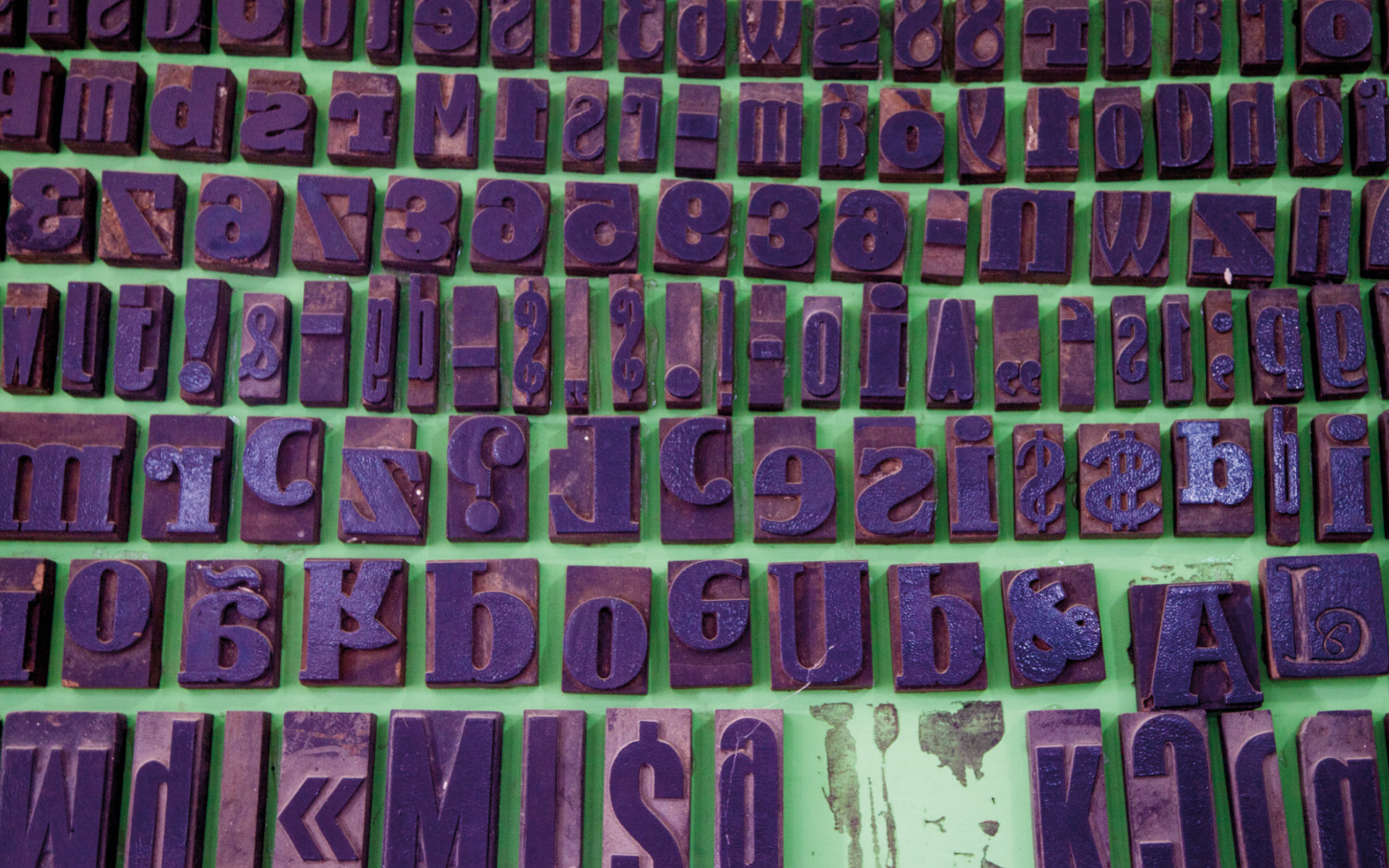


deliradas, delírios realizados, palavras andantes que encontrei – ou fui por elas encontrado”.

Daquele dinheiro, J. Borges lembra ter trocado 500 dólares para comprar um carro. Outro escritor que lhe procurou depois foi José Saramago.

O português quis a obra de Borges na capa de seu livro *O Lagarto*, uma trama sobre o aparecimento inesperado de um bicho no bairro lisboeta do Chiado cuja presença mobiliza da vida local às forças nacionais de segurança. Feita por agente literário, a encomenda não

exigiu de o Nobel ir até a casa de J. Borges em Bezerros. O escritor morreu sem ter ideia das boas histórias que ficou sem ouvir da boca do marido de Dona Maria José Borges. Como o português, Borges é um dos grandes criadores de arcos narrativos e arquétipos deste Ocidente cotidiano e imaginado. Teriam tido muito o que falar.



TÍTULO *Várias mãos, uma cultura:*  
*retratos da arte popular pernambucana*  
Volume 2 – J. Borges

IDIOMA Português

CIDADE Recife

FORMATO digital

PÁGINAS 40

EDIÇÃO 1ª

ANO DE EDIÇÃO 2024

ISBN 978-85-60411-26-9

Idealização e curadoria  
Marly Queiroz

Produção executiva  
Camila Bandeira e Júlia Almeida  
(Proa Cultural)

Textos  
Bruno Albertim

Audiodescrição  
Liliana Tavares (Com Acessibilidade)

Fotografia  
Isabela Cunha

Projeto gráfico  
Luciana Calheiros e Aurélio Velho  
(Zoludesign)

Tratamento de imagem  
Aurélio Velho (Zoludesign)

Este fascículo faz parte da coleção *Várias Mãos, uma cultura: retratos da arte popular pernambucana*, foi diagramado entre outubro de 2023 e janeiro de 2024. A fonte utilizada para os títulos é a TT Travels Next, desenvolvida por Kseniya Karataeva e Yulia Gonina, distribuída pela TypeType; para os textos, utilizou-se a Tablet Gothic Wide, projetada por José Scaglione e Veronika Burian, disponibilizada pela TypeTogether.

APOIO



PRODUÇÃO EXECUTIVA



INCENTIVO



Secretaria  
de Cultura



